

# O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA - COMPREENDENDO O FENÔMENO<sup>1</sup>

Almelina Cassia de Assis Carvalho<sup>2</sup>

Maria Antônia Ramos Costa<sup>3</sup>

## RESUMO

Este artigo tem por objetivo evidenciar um transtorno comumente denominado de Autismo que é relativo ao denominado Transtorno do Espectro Autista (TEA), que se configura como relativo ao desenvolvimento neurológico, que ocasiona dificuldades de comunicação, assim como relativa a interação social, e que atinge também o comportamento e/ou interesses repetitivos ou restritos. De causa até então desconhecida, é compreendido na perspectiva de uma síndrome de origem multicausal que envolve fatores genéticos, neurológicos e sociais da criança. Metodologicamente o artigo se caracteriza como sendo de natureza qualitativa bibliográfica, em conformidade com os preceitos de Bogdan e Biblen(1994). Como resultado apontamos a importância do conhecimento deste fenômeno, tendo em vista o grande número de crianças acometidas pelo mesmo e que chega à escola e exige um atendimento personalizado, além da necessidade das famílias de apoio especializado.

**Palavras-chave:** Criança Autista, TEA- Transtorno do Espectro Autista, Fenômeno

## ABSTRACT

This article aims to highlight a disorder commonly called Autism that is related to the so-called Autism Spectrum Disorder (ASD), which is configured as related to neurological development, which causes communication difficulties, as well as relating to social interaction, and which it also affects repetitive or restricted behaviors and / or interests. The cause is unknown at the time, it is understood from the perspective of a syndrome of multicausal origin that involves genetic, neurological and social factors of the child. Methodologically the article is characterized as being of a qualitative bibliographic nature, in accordance with the precepts of Bogdan and Biblen (1994). As a result, we point out the importance of knowing this phenomenon, in view of the large number of children affected by it and who arrives at school and requires personalized service, in addition to the need for specialized support families.

**Keyword:** Autistic Child, ASD- Autistic Spectrum Disorder, Phenomenon

---

<sup>1</sup> Artigo Científico Original do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação do Programa de Formação de Pesquisadores em Educação - 2020.

<sup>2</sup> Graduada pela Universidade UNIC - MT, Ciências Biológicas, Graduada em Pedagogia pela Universidade Luterana do Brasil - Canoas SC, Pós Graduada em Psicopedagogia - Clínica é institucional pela Faculdade das Águas Emendadas - Planaltina -DF. E-mail-milaapae@hotmail.com

<sup>3</sup> Graduada em Pedagogia pela faculdade Integrada de Ariquemes Fiar, Pós-graduação em Gestão Integrada pela Faculdade Santo André, Mestre em Ciência da Educação pela Universidad Desarrollo Sustentable – UDS-Assunção, Professora Tutora no Instituto Federal de Rondônia e Unopar-Ariquemes-Rondônia. – E-mail-antoniaeluccas@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

Partindo da idéia de que vivemos sob a dinâmica do mundo moderno, nos últimos tempos a neurociência tem possibilitado a compreensão acerca do funcionamento do cérebro humano. A cada dia que passa, o desenvolvimento de técnicas de neuroimagem em muito tem contribuído, de maneira precisa e dinâmica, para a compreensão relativa às correlações anátomo-funcionais do cérebro (MUSZKAT, 2012).

Tal perspectiva auxilia na produção de evidências sobre as conexões entre as diferentes funções cognitivas e os reflexos das mesmas no comportamento humano. Neste cenário, o autor afirma que a neuropsicologia busca novas possibilidades avaliativas e de intervenção que possam ser adicionados aos recursos já validados.

É diante do contexto de novas possibilidades de compreensão do funcionamento do cérebro, que o conhecimento das bases neurobiológicas do processamento da musicoterapia contribui para o desenvolvimento dos processos de otimização da memória, linguagem, emoção, motricidade, dentre outros aspectos neurais das pessoas.

Nesta direção, a compreensão quanto às correlações entre diferentes áreas do cérebro e o processamento de sons e de habilidades musicais, resultam em efeitos neurodesenvolvimentais e neuroplásticos que ocasionam mudanças no cérebro (ROCHA & BOGGIO, 2013).

Nos últimos tempos, tem sido comum as escolas receberem em seu quadro de alunos, crianças com autismo e tendo em vista que trata-se de algo relativamente novo, os professores nem sempre sabem como lidar no sentido de realizar o atendimento necessário à criança, assim como prestar o devido apoio à família.

Diante do exposto, se faz necessário ter conhecimento acerca do fenômeno, a fim de poder planejar a forma pela qual a escola irá desenvolver a interação dialógica com a família da criança. Assim, este artigo se justifica por evidenciar a relevância do tema e pelas possíveis contribuições que fornecerá aos profissionais e acadêmicos da educação no que diz respeito à compreensão do fenômeno.

### 1. REFERENCIAL TEÓRICO

Compreendido como transtorno do desenvolvimento, o Autismo associa-se a várias síndromes pelo fato de se manifestar de diferentes formas, razão pela qual é denominado de “Espectro Autista”. O fenômeno pode ser variável, partindo de um nível mais leve de

comprometimento a um mais elevado. (ASSUMPCÃO et al., 1999; CARVALHEIRA; VERGANIB; BRUNONI, 2004; GUPTA; SAMPAIO, R. T. et al. STATE, 2006; MECCA et al., 2011; PEREIRA; RIESGO; WAGNER, 2008; VELLOSO et al., 2011).

Durante a infância, o fenômeno pode ser perpassado por anomalias de cunho qualitativo que vai desde as dificuldades relativas às habilidades sociais e comunicativas, até o evidenciar relativo ao atraso global do desenvolvimento, de forma a apresentar comportamentos repetitivos e interesses limitados e estereotipados. O fenômeno compromete em especial a dimensão relativa à linguagem, comportamental e sociabil, embora não apresente um retardo mental e ocorrem com mais frequência em meninos. (ASSUMPCÃO et al., 1999; CARVALHEIRA; VERGANIB; BRUNONI, 2004; GUPTA; SAMPAIO, R. T. et al. STATE, 2006; MECCA et al., 2011; PEREIRA; RIESGO; WAGNER, 2008; VELLOSO et al., 2011).

Conhecido como Transtorno Invasivo do Desenvolvimento –TID, grandes são as formas de apresentações relativas ao comportamento e que define o autismo. Dentre as existentes destacamos os déficits qualitativos relativos à interação social e na comunicação, bem como os que dizem respeito aos padrões de comportamento que podem se apresentar de forma repetitiva e estereotipada, mediante repertório limitado de interesses e atividades. (GADIA, TUCHMAN & ROTTA, 2004).

A literatura indica que o autismo, na atualidade pode ser visualizado mediante duas possibilidades que dizem respeito a Associação Americana de Psiquiatria e a Classificação Internacional de Doenças (CID-10) da Organização Mundial de Saúde. As duas instituições descrevem o Autismo na perspectiva de um Transtorno Invasivo do Desenvolvimento (TID). (APA, 2014).

Gadia, Tuchman e Rotta (2004) destacam que, no que tange as dificuldades na comunicação pelas crianças autistas, estas podem se dar por dois ângulos: em relação à habilidade verbal e também na não verbal em diferentes graus. Os autores mencionam que algumas crianças não conseguem desenvolver as habilidades de comunicação e que outras possuem uma linguagem imatura, sendo que, os que têm capacidade alargada coerente podem ser inaptos no sentido de começar ou manter uma conversação plausível. Importante se faz destacar que, em se tratando de crianças autistas, é bem possível que os déficits de linguagem e de comunicação persistam ao longo da vida adulta, culminando no fato de que parte considerável de crianças não utilize a linguagem verbal.

A percepção de alguns autores é a de que, em geral, as pessoas autistas que adquirem habilidades verbais, tendem a evidenciar déficits contínuos durante a tentativa de desenvolver a conversação. Tais déficits podem ser exemplificados, pela falta de reciprocidade, dificuldades

em compreender sutilezas de linguagem, piadas ou sarcasmo, bem como problemas para interpretar linguagem corporal e expressões faciais. Na mesma direção, chamam a atenção para o fato de que, no que tange aos padrões estereotipados e repetitivos de comportamento, autistas apresentam peculiaridades que incluem “resistência a mudanças, insistência em determinadas rotinas, apego excessivo a objetos e fascínio com o movimento de peças (tais como rodas ou hélices)” (GADIA, TUCHMAN& ROTTA, 2004).

É possível observar que, em certas ocasiões, mesmo que as crianças autistas demonstrem estarem brincando, estas estão se esforçando para alinhar os brinquedos. No livro intitulado “O cérebro autista. Pensando através do espectro (2015)” o autor menciona que o autismo foi diagnosticado no ano de 1943 por Leo Kanner, médico da Universidade Johns Hopkins e pioneiro da psiquiatria infantil. (RAPOSO, C. C. S.; FREIRE, C. H. R.; LACERDA, A. M. 2015, p.18).

Da mesma forma, afirmam que a criança com autismo evidencia certo comportamento destrutivo, assim como apresenta a incapacidade de falar, possuindo sensibilidade ao contato físico, fixação em objetos giratórios etc (p.19). Em um artigo datado de 1943, os autores destacam que os comportamentos autistas são perceptíveis desde o início da vida da criança.

No parágrafo do artigo final o autor declara que:

Devemos, portanto, supor que estas crianças vieram ao mundo com uma incapacidade biologicamente inata de formar laços afetivos comuns de base biológica com as pessoas, assim como outras crianças vêm ao mundo com incapacidades físicas ou intelectuais inatas. (RAPOSO, C. C. S.; FREIRE, C. H. R.; LACERDA, A. M. 2015, p.30-31).

Contudo, em artigo posterior no ano de 1949, os autores deslocaram a atenção do aspecto biológico para o psicológico. Os autores analisaram os efeitos do autismo, e descobriram que o fenômeno possui, tanto origem biológica como causa psicológica.

A percepção dos autores é a de que:

As crianças com autismo podem ser rudes quando, na verdade, apenas desconhecem as regras sociais. Elas podem ter acessos de raiva. Não param quietas, não compartilham os brinquedos, interrompem as conversas dos adultos. (RAPOSO, C. C. S.; FREIRE, C. H. R.; LACERDA, A. M. 2015, p. 37)

Bruno Bettelheim (1967) afirma que a criança autista não está biologicamente predeterminada a manifestar os sintomas. Em vez disso, estava biologicamente predisposta aos sintomas. O autismo era latente — até que a criação inadequada lhe desse um sopro de vida.

Raposo et al (2015) visualizam o envio de respostas nada comuns ao ambiente, bem como as estereotípias motoras, resistência à mudança de rotina, “insistência a monotonia, inversão dos pronomes e a tendência ao eco na linguagem (ecolalia)” (KLIN, 2007).

Os estudos realizados por Raposo et al (2015), fez do Autismo uma forma mais ou menos específica de ser e estar no mundo. Autistas apresentam traços característicos e específicos, de forma a se materializar no empenho da linguagem, problema de relacionamento, o evitar do contato, manipulação massiva dos objetos e olhar perdido. Mediante estudos profundos do fenômeno, foi possível articular tais particularidades às alterações nas áreas cerebrais.

A percepção de Gadia et al (2004), é a de que as dificuldades relativas á socialização da criança autista podem ser evidenciadas isoladamente ou mediante comportamento social inapropriado; aliado ao pouco contato visual; problemas para participar de atividades em grupo; apatia afetiva ou expressões inapropriadas de afeto; ausência de empatia social ou emocional.

Em seus estudos, Raposo et al (2015), delineou algumas peculiaridades visualizadas em pessoas que apresentavam o Transtorno do Espectro Autista: a saber:

- (a) incapacidade em se relacionar com pessoas;
- (b) anacronismo no alcance da linguagem;
- (c) uso não comunicativo da linguagem depois de seu alargamento;
- (d) convergência à reprodução da fala do outro (ecolalia);
- (e) atitude avessa ao uso de pronomes;
- (f) brincadeiras recorrentes e estereotipadas;
- (g) obstinação pela manutenção da “mesmice” no que se refere aos costumes rígidos e um padrão limitado de interesses característicos);
- (h) ausência de imaginação;
- (i) apropriada memória mecânica;
- (j) aparência física natural (RUTTER, 1978).

Essas especificidades não tinham sido analisadas até então em sua “surpreendente singularidade” (KANNER, 1971; RUTTER, 1978 apud Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro Autista, 2013).

Depois destas constatações, no ano de 1943 Raposo et al (2015) mencionam que as descrições careciam mais aprofundamento e investigações. No ano de 1956 que o próprio Kanner e Eisenberg, elegeram dois sintomas como os principais “isolamento extremo e insistência obsessiva na manutenção da “mesmice”, em associação ao surgimento do problema nos primeiros 2 anos de vida” (Ministério da Saúde, 2014).

Importante se faz destacar que o sintoma de isolamento na esquizofrenia e no Autismo se dá em função de motivos diferentes. Na primeira questão, o isolamento incide em uma convergência por um afastamento nos relacionamentos, no Autismo o que ocorre é a incapacidade de desenvolvê-los (GADIA et al 2004).

## 1.1 A ESCOLA DIANTE DO FENÔMENO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

No Brasil, a inclusão consiste em um princípio constitucional tendo a obrigatoriedade de reserva de vagas para pessoas com deficiência (PCD) regida pelo Decreto Lei nº 9.034, de 20 de abril de 2017. O Atendimento Educacional Especializado faz parte da estrutura de Atendimento Educacional Especializado para o atendimento a pessoas com deficiência, ele oferece suporte e meios para se efetivar o ingresso, aprendizado e o bom desempenho desses alunos.

Em acordo com o Ministério da Educação -MEC, "O atendimento educacional especializado (AEE) é um serviço da educação especial que identifica, elabora, e organiza recursos pedagógicos e de acessibilidade, que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas" (SEESP/MEC, 2002).

Premente se fazia agir em sentido de uma educação inclusiva apoiando a inclusão desse aluno. Como afirma Mantoan (1997, p. 120):

A inclusão é um motivo para que a escola se modernize e os professores aperfeiçoem suas práticas e, assim sendo, a inclusão escolar de pessoas com deficiência torna-se uma consequência natural de todo um esforço de atualização e de reestruturação das condições atuais do ensino básico.

A modernização, a que Mantoan se refere, pressupõe a transformação da escola em um ambiente inclusivo. Nesse sentido, não bastava inserir o aluno com deficiência em sala de aula junto aos alunos sem deficiência. Práticas pedagógicas, em acordo com a sua especificidade, precisam ser adotadas.

Em conformidade com o pensamento de Santos (2009, p.10):

O professor deve estar atento às fases do desenvolvimento da criança para que ele possa intervir adequadamente, proporcionando situações educativas que vão ao encontro do seu nível de compreensão e abstração para que haja uma aprendizagem

efetiva. Seria uma troca de meios para que esse desenvolvimento ocorra, fatores internos e externos intercalando-se.

É com base nesta percepção que a Resolução CNE/CEB nº 2, de 11 de setembro do ano de 2001, institui as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial da Educação. Em seu art. 3º, parágrafo único, esclarece que: “Os sistemas de ensino devem constituir e fazer funcionar um setor responsável pela educação especial, dotado de recursos humanos, materiais e financeiros que viabilizem e dêem sustentação ao processo e construção da educação inclusiva”.

Diante do exposto, a escola, independentemente de sua natureza, seja ela pública ou privada, ao receber uma criança com Transtorno do Espectro Autista -TEA, deve se organizar metodologicamente para atendê-la.

## **METODOLOGIA**

O estudo a que foi proposto aqui é evidenciar o fenômeno relativo ao Transtorno do Espectro Autista – TEA. Para sua realização, foi traçado um caminho investigativo a partir da metodologia de natureza qualitativa com revisão bibliográfica de autores que debatem a temática.

Diante do exposto, minha opção pela metodologia qualitativa corrobora com a definição de Bogdan e Biklen (1994: p. 16) para os quais pesquisa qualitativa é compreendida como:

[...] um termo genérico que agrupa estratégias de investigação que partilham de determinadas características. Os dados recolhidos são [...] ricos em pormenores descritos relativos a pessoas, locais e conversas e de complexo tratamento estatístico.

A preocupação das pesquisadoras esteve centrada na trajetória de levantamento dos dados, primando pelo significado da construção das percepções dos sujeitos e não somente com os resultados e o produto final. Tal fundamentação encontra respaldo nas características básicas propostas por Bogdan e Biklen (1994).

A pesquisa bibliográfica por sua vez se configura como sendo o exame de materiais de natureza diversa, que ainda não receberam um tratamento analítico, ou que podem ser reexaminado, criando novas ou interpretações complementares, atividade localização de fontes, para coletar dados gerais ou específicos a respeito de determinado tema. É um componente obrigatório para qualquer pesquisa.

A percepção de Lakatos (1992), é a de que:

A pesquisa bibliográfica permite compreender que, se de um lado a resolução de um problema pode ser obtida através dela, por outro lado, tanto a pesquisa de laboratório quanto a de campo (documentação direta) exigem, como premissa, o levantamento do estudo da questão que se propõe a analisar e solucionar. A pesquisa bibliográfica pode, portanto, ser considerada também como o primeiro passo de toda pesquisa científica. (1992, p. 44).

A característica principal da pesquisa bibliográfica, é a de possibilitar ao pesquisador uma bagagem teórica variada, contribuindo para ampliar o conhecimento, de forma a fazer da pesquisa um material rico sobre o assunto, fundamentando do ponto de vista teórico o material a ser analisado.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A escola no contexto de uma instituição responsável pela mediatização do processo de construção de conhecimento carece considerar a educação na perspectiva de um direito social. Desta forma, deve cumprir com as prerrogativas legais relativas a inclusão de todas as crianças sem exceção.

O foco deste artigo teve como princípio evidenciar o fenômeno relativo ao autismo aos profissionais da educação. Ressalta-se, no estudo, a importância da escola no que diz respeito ao atendimento personalizado à criança e a devida atenção à família.

Examinamos, por meio da pesquisa bibliográfica a necessidade do trabalho de intervenções exercidas pela escola. Para que todos estejam preparados para atender da melhor forma uma criança autista, tanto os pais quanto os profissionais envolvidos na educação precisam estar interligados nas ações de melhoria para a formação e socialização do aluno.

O professor consiste no ator social de grande importância no acompanhamento e processo de ensino da criança autista, tendo em vista que é ele que realiza no dia a dia mediante práticas pedagógicas, ações que possam possibilitar o desejo da transformação da realidade social, buscando formas de influenciar positivamente a aprendizagem, portanto é necessária uma melhor aquisição de conhecimentos, e para o ensino de seus alunos.

Na prática, o docente precisa ter conhecimento teórico e científico relativo ao transtorno em questão. Saber o que é o transtorno e quais suas principais causas e consequências para o processo de ensino aprendizagem. Não adianta apenas receber o relatório médico com o diagnóstico, com informações técnicas. Será necessário que a escola e todos os envolvidos saibam como conduzir essa criança no cotidiano.



A pesquisa foi esclarecedora, pelo fato de nos deixar cientes de que a ação pedagógica do professor não pode ser isolada, mas sim adaptada à diversidade de histórias, contexto social e inclusão. Ou seja, o professor deve estar disposto a suplantar os desafios, deixando de lado os preconceitos, as ideias fixas e a forma de ensino bancária. Assim, o professor irá fazer com que os alunos façam suas escolhas e tenham responsabilidades nas decisões tomadas, formando os alunos cidadãos independentes.

Por intermédio deste artigo, pode-se contribuir com o processo de conhecimento relativo a temática, no sentido de auxiliar os professores que atuam na escola no sentido de oportunizar criança a progredir e ser preparada para a vida adulta por meio de ação pedagógica formativa, compreendendo as diferenças e ressaltando as habilidades e capacidades de cada um sem distinção.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSUMPCÃO JR., F.; KUCZYNSKI, E., GABRIEL, M.; ROCCA, C. “Escala de Avaliação de Traços Autísticos: Validade e Confiabilidade de uma escala para a detecção de condutas autísticas”. *Arq Neuropsiquiatr.* n.1, v.57, p.23-29. 1999.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Investigação Qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.* Porto, Portugal: Porto Ed., Coleção Ciências da Educação, 1994.

BRASIL. **Decreto nº 9.034, de 20 de abril de 2017.** Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília. Disponível em: [https://www.presidencia.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L10048.htm](https://www.presidencia.gov.br/ccivil_03/Leis/L10048.htm). Acesso em: 11 jul. 2020.

BRASIL. **Resolução CNE/CEB nº 2,** de 11 de Setembro de 2001. Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica Resolução CNE/CEB 2/2001. Diário Oficial da União, Brasília, 14 de setembro de 2001. Seção 1E, p. 39-40.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar:** estratégias e orientações. Brasília: MEC/SEESP, 2002.

CARVALHEIRA, G.; VERGANIB, N.; BRUNONI, D. “Genetics of Autism”. *Rev Bras Psiquiatr.* n.4, v.26, p.270-272. 2004.

CID-Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde. OPAS/OMS. São Paulo. Edusp, 2004.

GADIA, C. A., TUCHMAN, R., ROTTA, N. T. **Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento.** *Jornal de Pediatria.* 0021-7557/04/80-02-Supl/S83. 2014.

GUPTA, A.; STATE, M.W. “Autismo: Genética”. *Rev. Bras. Psiquiatr.* v. 28 (Supl I), p. S29-38. 2006.

LAKATOS, Maria Eva. MARCONI, Maria de Andrade. **Metodologia do Trabalho Científico**. 4 ed/. São Paulo. Revista e Ampliada. Atlas, 1992.

KLIN, A. **Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral**. Associação Brasileira de psiquiatria. 2007.

MANTOAN, Maria Teresa Egler. (Org.) **A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema**. São Paulo: Memnon; SENAC, 1997.

MECCA, T.; BRAVO, R.; VELLOSO, R.; SCHWARTZMAN, J.; BRUNONI, D.; TEIXEIRA, M. “Rastreamento de sinais e sintomas de Transtorno do Espectro do Autismo em irmãos”. **RevPsiquiatrRioGdSul**. n.2, v.33, p.116-120. 2011.

PEREIRA, A.; RIESGO, R.; WAGNER, M. “**Autismo infantil: tradução e validação da Childhood Autism Rating Scale para uso no Brasil**”. JPediatr. Rio de Janeiro, n.6, v.84, p487-494. 2008.

RAPOSO, C. C. S.; FREIRE, C. H. R.; LACERDA, A. M. **O cérebro autista e sua relação com os neurônios espelho**. Revista HUMAN@AE. Recife. ENSUDA – Faculdade de Ciências Humanas. 2015.

SANTOS, Nilza Maria dos. **Problematização das Dificuldades de Aprendizagem**. Londrina, 2009. Trabalho de Conclusão de Atividades do Programa de Desenvolvimento Educacional. PDE-2007. Universidade Estadual de Londrina. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2320-8.pdf>. Acesso em: 28 de jun. de 2020.

VELLOSO, R.; VINIC, A.; DUARTE, C.; DANTINO, M.; BRUNONI, D.; SCHWARTZMAN, J. “**Protocolo de Avaliação Diagnóstica Multidisciplinar** . Belo Horizonte, n.32, 2015, p.137-170. Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento. n.1, v.11, p.9-22. 2011. 2015.